

A MÍSTICA AMOROSA: UMA APROXIMAÇÃO AOS POEMAS DE JOSÉ ÁNGEL VALENTE

Thalissa Mestâncio Damaceno (UFAM)¹

Saturnino Valladares (UFAM)²

RESUMO: Neste artigo pretende-se discutir o emprego dos recursos da poesia mística na poesia erótico-amorosa do livro *Mandorla*, de José Ángel Valente. Para lograr este propósito, primeiramente discorre-se a respeito da poesia mística amorosa como um processo de busca da união do eu com o divino, cujas principais vias são: purgativa, iluminativa e unitiva, e se demonstra alguns de seus aspectos em *Cântico espiritual*, de San Juan de la Cruz. A base teórica contém estudos que abordam a poesia mística, o amor nupcial ao divino e os símbolos, no pensamento de Afhit Hernández Villalba em seu artigo “Misticismo y poesia: elementos retóricos que conforman la estética mística”, no artigo “La presencia de San Juan de la Cruz en la obra de José Ángel Valente” de Armando López Castro, além dos ensaios de Valente, “Mandorla: la experiencia abisal” e “Eros y fruición divina”. Outros pensadores completam a presente discussão.

PALAVRAS-CHAVE: poesia erótico-amorosa; José Ángel Valente; *Mandorla*; San Juan de la Cruz; *Cântico espiritual*.

RESUMEN: En este artículo se pretende discutir el empleo de los recursos de la poesía mística en la poesía erótico-amorosa del libro *Mandorla*, de José Ángel Valente. Para lograr este propósito, primeramente, se discurre a respecto de la poesía mística amorosa como un proceso de búsqueda de la unión del yo con el divino, que las principales vías son: purgativas, iluminativa y unitiva, además se demuestra algunos de sus aspectos en *Cântico espiritual*, de San Juan de la Cruz. La base teórica contiene estudios que abordan la poesía mística, el amor nupcial al divino y los símbolos, en lo pensamiento de Afhit Hernández Villalba en su artículo “Misticismo y poesía: elementos retóricos que conforman la estética mística”, el artículo “La presencia de San Juan de la Cruz en la obra de José Ángel Valente” de Armando López Castro, además de los ensayos de Valente, “Mandorla: la experiencia abisal” y “Eros y fruición divina”. Otros pensadores completan la presente discusión.

PALABRAS CLAVE: poesía erótico-amorosa; José Ángel Valente; *Mandorla*; San Juan de la Cruz; *Cântico espiritual*.

INTRODUÇÃO

Este artigo resultou de uma pesquisa de iniciação científica junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas e teve o objetivo geral de analisar os poemas erótico-amorosos de José Ángel Valente. Os objetivos específicos constituíram-se de: identificar as particularidades literárias e artísticas desta poesia e

¹ Graduanda em Letras língua e literatura espanhola pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

² Doutor em Literatura – Universidade de Santiago de Compostela (USC). Mestre em Didática de Línguas e Literaturas – USC. Graduado em Filologia Hispânica – USC. É professor na Universidade Federal do Amazonas desde 2013.

seus vínculos com a mística; demonstrar que a poesia erótico-amorosa de José Ángel Valente possui um grau de importância que atravessa os anos, contribuindo não só com a cultura espanhola senão com a cultura universal.

As etapas da pesquisa em questão consistiram em: pesquisa bibliográfica a partir do registro disponível de estudos anteriores a respeito do tema; leitura da obra poética valenteana – principalmente, *Mandorla*, *El fulgor* e *Fragmentos de un libro futuro*; fichamentos dos textos que evidenciam a presença da mística nas poesias amorosas; e análise aprofundada de alguns poemas dos três citados livros.

Para alcançar este propósito, partiu-se de uma perspectiva plural em nossos pressupostos metodológicos, isto é, a partir de uma concepção integral de estudos literários em que nenhum objeto de interesse está fora de alcance e em que nenhum trabalho útil é desperdiçado. Assim, foram analisados determinados poemas dos livros acima citados, anotando todos os dados julgados pertinentes para sua interpretação (VALLADARES, 2017, p. 15).

A poesia de José Ángel Valente é estudada por importantes escritores e pesquisadores. Sua obra é reconhecida mundialmente, assim, o objeto deste estudo são os poemas místicos-amorosos de José Ángel Valente, especialmente alguns de seus poemas mais significativos, a partir de um dos livros fundamentais na trajetória criativa deste autor: *Mandorla*. Além disso, pretende-se fazer também uma breve revisão da obra poética completa do autor, desde seu primeiro livro, *A modo de esperanza*, até o livro que se publicou após a sua morte, *Fragmentos de un libro futuro*.

José Ángel Valente nasceu em Ourense - Espanha, no dia 25 de abril de 1929, e faleceu em 18 de julho do 2000, em Genebra - Suíça. Em 1946 começou a estudar Direito na Universidade de Compostela, porém são estudos que nunca terminou. No ano seguinte foi viver em Madrid, onde começou a colaborar com algumas revistas literárias. Assim conciliou seus estudos universitários com seus trabalhos jornalísticos. As principais revistas para as quais Valente contribuiu foram *Alférez*, *Cuadernos Hispanoamericanos* e *Índice de Artes e Letras*, onde foi secretário de redação durante dois anos. Em 1953 licenciou-se na Faculdade de Letras. Posteriormente o poeta atuou como *lecturer* na Universidade de Oxford desde o outono de 1955 até o início de 1958, momento em que deixou a Inglaterra e foi viver em Genebra, onde trabalhou por vinte e cinco anos na Organização Mundial da Saúde. Em 1982, Valente passou a viver em Paris e assumiu a função de chefe de tradução de espanhol na UNESCO. No ano seguinte, 1985, o galego comprou uma casa em Almería. As referências a este lugar podem ser encontradas em suas obras.

José Ángel Valente é um dos mais importantes nomes de seu grupo poético e durante seus dias de vida manteve contato com os poetas do grupo dos anos 50. Teve uma magnífica trajetória

como poeta, ensaísta, crítico e tradutor. Suas obras foram reconhecidas e premiadas. Em 1954, José Ángel Valente recebe o prêmio de maior prestígio daquele momento, o prêmio Adonáis de Poesía, por seu livro *A modo de esperanza*. Neste livro, onde predomina a ideia da morte e a experiência da memória, o poeta nos leva a refletir sobre a ausência, o vazio e a solidão. Valente fez inúmeras contribuições à cultura contemporânea e recebeu por duas vezes o Prêmio da Crítica, em 1960 por *Poemas a Lázaro* e em 1980 por *Tres lecciones de tinieblas*; em 1998 o VII Premio Reina Sofía de Poesía Iberoamericana por sua busca pela palavra exata e por sua contribuição com a poesia em espanhol e galego, onde também foi reconhecido por seu rigor construtivo e sua exigência verbal.

José Ángel Valente defende que a poesia é fria e bela como o diamante, mas é fruto do fogo. Se não nasce nesse fogo, não há poesia, não há diamante. Hoje, dezenove anos após sua morte a obra de Valente continua a ser estudada agora através de uma nova perspectiva, onde podemos buscar e reconhecer a presença da mística amorosa e a importância do silêncio em seus versos.

Em *Mandorla*, por exemplo, encontramos a presença do nada, do vazio. O nada se torna um eixo da palavra poética, paralisa-a, a detém-na, obriga-a à sorte de uma dolorosa noite purgativa, como em “Sé tu mi límite”:

Tu cuerpo puede
llenar mi vida,
como puede tu risa
volar el muro opaco de la tristeza.

Una sola palabra tuya quiebra
la ciega soledad en mil pedazos.

Si tu acercas tu boca inagotable
hasta la mía, bebo
sin cesar la raíz de mi propia existencia.

Pero tú ignoras cuánto
la cercanía de tu cuerpo
me hace vivir o cuánto
su distancia me aleja de mí mismo
me reduce a la sombra.

Tú estás, ligera y encendida,
como una antorcha ardiente
en la mitad del mundo.

No te alejes jamás:
Los hondos movimientos
de tu naturaleza son

mi sola ley.
Retenme.
Sé tú mi límite.
Y yo la imagen
de mí feliz, que tú me has dado.
(VALENTE, 2016, p. 185-186).

Partindo deste pensamento, pretende-se analisar e identificar as conexões com a mística nos poemas amorosos de José Ángel Valente.

Foram empregados os pensamentos de Afhit Hernández Villalba³ em seu artigo “Misticismo y poesía: elementos retóricos que conforman la estética mística” para a introdução dos aspectos gerais da mística e seus principais modos de manifestação poética e, para complementar o estudo, desfrutou-se do excelente artigo “La presencia de San Juan de la Cruz en la obra de José Ángel Valente” de Armando López Castro, além de outros textos para leituras complementares que serão devidamente mencionados ao longo deste artigo. Por último, foi feita uma busca na poesia de Valente a fim de verificar suas conexões com a mística e se realizou o estudo aprofundado de poemas selecionados deste poeta.

Como assinalou Afhit Hernández Villalba em seu artigo “Misticismo y poesía: elementos retóricos que conforman la estética mística”, o principal problema da mística na literatura consiste em assinalar as características concretas, estilísticas ou retóricas que definem um poema como místico (HERNÁNDEZ VILLALBA, 2011, p. 12). A mística na literatura já foi objeto de estudos de muitos teóricos e o primeiro caminho a tomar seria um questionamento sobre o que entendemos por mística? A palavra “mística” tem sua origem no verbo grego $\mu\upsilon\omega$ e significa “fechar” a boca e os olhos. O verbo expressa a necessidade de “isolamento” ou de “enceguecer” diante do mundo para ver o verdadeiro interior. A palavra “miope” também provém do mesmo verbo, sendo assim, significa “o que não vê bem”, “o que fecha os olhos”. Segundo esta etimologia, poderíamos definir o “místico” como a pessoa que leva uma vida oculta e secreta. Em dicionários podemos verificar conceitos como: “perda da individualidade”, “retorno a Deus”, “êxtases” e “renúncia a racionalidade”. O misticismo é um fenômeno que ocorre, brutalmente, como um emudecimento ou uma cegueira produzida por uma luz intensa ou por uma absoluta escuridão. Para compreender o processo místico devemos dar atenção às imagens, ao prazer do amor e à angústia da noite escura que se representam de maneira estética. No geral, o que faz a diferença na poesia mística é a busca de Deus e a união através do amor. Devemos reconhecer que a experiência mística é diferente de

³ Investigador na área de letras da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), Doutor em Letras Mexicanas. É licenciado em Humanidades, com especialidade em literatura pela *Universidad Autónoma del Estado de Morelos*, professor em Letras pelo *Centro de Investigación e Docencia en Humanidades do Estado de Morelos* (CIDEHM).

qualquer outra, o que nos leva a perguntar-nos: é possível relatar com total detalhamento a experiência mística? Esta é uma questão que afortunadamente possui uma resposta positiva carregada de profundidade, de modo que ao relatarmos essa experiência sentimos o quanto é penetrante, que mesmo quem faz a tentativa de transmiti-la sente que não está sendo fiel ao êxtase que essa experiência provoca. O necessário para relatar tal experiência são os elementos simbólicos, mesmo que a transmissão seja limitada e imperfeita. “Nada” e “tudo” podem ser o mesmo em um poema místico, porque quando falamos sobre essa experiência não há nada que se assemelhe à nossa experiência das coisas em sua multiplicidade e variedade (HERNÁNDEZ VILLALBA, 2011, p. 19).

Villalba afirma que a mística tem relações com a literatura e a filosofia, pois parte da busca do eu com o divino. O mesmo autor, retomando os estudos retóricos e estéticos de Helmut Hatzfeld, Dámaso Alonso e Emilio Orozco, escreve que a poesia mística está constituída por quatro elementos retóricos: o amor nupcial ao divino (por exemplo, o livro *Cantares*, que seria o principal modelo de mística); os símbolos da noite, do fogo e do casamento; o paradoxo; e, por último, a invocação do paradoxo. Neste artigo analisa-se precisamente os símbolos e os elementos que caracterizam e marcam a busca da união com Deus em cada poema de nosso grande poeta galego, José Ángel Valente.

Os místicos afirmam que a alma, em seu anelo de Deus, passa por três fases, que podemos chamar de vias: via purgativa (processo difícil, onde a alma se afasta dos desejos humanos e se purifica); via iluminativa (depois da purificação, uma luz ou um saber sobrenatural acerca de Deus e de seus mistérios aparece nessa fase) e via unitiva (fase em que a alma se une com Deus após um arrebatamento). Hatzfeld denomina este aspecto de “amor nupcial ao divino” e menciona Raimundo Lúlio que nos apresenta a alma como o amigo e a Deus como o amado. O principal modelo no ocidente para se referir a este motivo místico é o *Cântico dos cânticos*, símbolo tradicional da relação nupcial entre Deus e a alma.

Podemos dedicar este parágrafo para falarmos um pouco desse livro extraordinário da Bíblia sagrada, o *Cântico dos cânticos* ou *Cantares*, que possui um texto com características de poesia amorosa. Possuindo oito capítulos, esse texto transmite a ideia do amor profundo, sem medidas, que os amantes sentem perfeitamente um pelo outro e que a cada momento vivido se torna único. Durante a leitura é possível identificar metáforas e imagens que têm grande valor, pois cada palavra dita pelos amantes nos envolve e, assim, conseguimos perceber o desejo e a entrega entre eles. Também é importante mencionar que o *Cântico dos cânticos* foi criticado por conter uma linguagem sensual. Porém, sempre foi defendido por muitos religiosos como representação do amor de Deus com sua noiva (a Igreja). O fato é que esse livro influenciou a

poesia de todos os povos com seus aspectos religiosos que exaltam uma nação e criam um significado especial e espiritual em cada elemento presente no texto.

O *Cântico espiritual*, de San Juan de la Cruz, é considerado por muitos o texto mais sublime da poesia espanhola. Inspirado em *Cantares*, transmite o amor entre o amado e a amada. Está dividido em três partes principais que são os três processos da mística, antes dos êxtases que a alma gozará. As três primeiras estrofes do *Cântico espiritual* podem ser classificadas como o primeiro processo da mística, que é a via purgativa. A primeira estrofe começa dramaticamente com uma pergunta retórica. É perceptível a angústia da esposa ao procurar o seu amado, segue tristemente buscando e, por fim, o encontra. Na segunda estrofe a esposa pede aos pastores que digam ao seu amado que ela sofre com sua ausência, e, então, no verso dez, estão representados os desejos da alma, havendo uma descrição do que a alma sente como enfermidade, sofrimento e morte: “decidle que adolezco, peno y muero”. As três primeiras estrofes são compostas por perguntas retóricas (¿Adónde te escondiste, / amado y me dejaste con gemido?), comparações (como el ciervo huiste...), exclamações (¡Oh bosques y espessuras / plantadas por la mano del Amado!) e hipérboles (“decidle que adolezco, peno y muero”):

Esposa:
 ¿Adónde te escondiste,
 amado, y me dejaste con gemido?
 Como el ciervo huiste,
 habiéndome herido;
 salí tras ti, clamando, y eras ido.
 Pastores, los que fuerdes
 allá, por las majadas, al otero,
 si por ventura vierdes
 aquél que yo más quiero,
 decidle que adolezco, peno y muero.
 (CRUZ, S.J. 1578).

Na terceira estrofe o eu poético utiliza pela primeira vez as palavras “amor” e “buscar”. Não tem vergonha em afirmar seu desejo para estar com ele. “Montes y riberas” são lugares ásperos, difíceis e perigosos. Porém, “ni cogeré las flores, / ni temeré las fieras”, isto é, não irá se distrair com os pequenos prazeres do caminho nem temerá os perigos que lhe aparecerão. A firme perseverança é expressada com o uso dos verbos no futuro: “iré”, “cogeré”, “temeré” e “pasaré”. As primeiras pessoas dos verbos indicam que é uma pessoa profundamente apaixonada que buscará o seu amado até encontrá-lo:

Buscando mis amores,
 iré por esos montes y riberas;

ni cogeré las flores,
ni temeré las fieras,
y pasaré los fuertes y fronteras.
(Pregunta a las Criaturas)
¡Oh bosques y espesuras,
plantadas por la mano del amado!
¡Oh prado de verduras,
de flores esmaltado,
decid si por vosotros ha pasado!
(CRUZ, S.J. 1578).

Podemos dizer que a via iluminativa no poema de San Juan tem início nas estrofes onde as criaturas respondem à angustiada esposa que seu amado passou por ali e deixou rastros. E isto faz com que ela se sinta mais angustiada, pois quanto mais a alma conhece a Deus, mais cresce o anelo de tê-lo junto a ela:

(Respuesta de las Criaturas)
Mil gracias derramando,
pasó por estos sotos con presura,
y yéndolos mirando,
con sola su figura
vestidos los dejó de hermosura.
(CRUZ, S.J. 1578).

Antes da alma se regozijar com Deus, um místico segue as três vias da mística quando purifica a alma (via purgativa), a iluminação do que é divino (via iluminativa) e por fim a total união da alma com Deus (via unitiva). A via unitiva nesse poema começa a partir da estrofe 13. São versos que seguem com o uso de símbolos que revelam que a alma percebe e goza da plenitude de Deus. O poema expõe como a alma está mergulhada no estado definitivo do amor espiritual:

Esposa:

¡Mi amado, las montañas,
los valles solitarios nemorosos,
las ínsulas extrañas,
los ríos sonorosos,
el silbo de los aires amorosos;
la noche sosegada,
en par de los levantes de la aurora,
la música callada,
la soledad sonora,
la cena que recrea y enamora;
(CRUZ, S.J. 1578).

San Juan de la Cruz possui também poemas e prosas denominadas mística. *Cântico espiritual* é um dos poemas maiores, juntamente com *Noche oscura del alma* e *Llama de amor*

viva. Os três poemas são compostos por longos comentários em prosa, frutos de suas experiências místicas e, por isso, há uso de expressões estranhas, de difícil compreensão. O próprio poeta já havia advertido que seus poemas não se podem explicar com exatidão e, então, ele espera que cada leitor aproveite segundo a sua interpretação, pois sua poesia não necessariamente deixará de fazer efeito de amor na alma, porque ainda não a compreendemos totalmente, ela sempre nos emocionará e nos fascinará, e nisto reside o “no saber sabiendo” sanjuanista.

San Juan de la Cruz influenciou a muitos escritores, como José Ángel Valente que escreveu um poema em homenagem a San Juan, denominado “El desvelado⁴”:

Como un venado em el temblor del aire,
 como un ciervo de nieve y transparencia
 -álamos tenues, río en la hondonada-
 la luz huida y sola en la colina,
 saetera sagaz desde la cumbre,
 asediada de amor, inalcanzable.
 ¿Dónde tu rostro, el aire
 seguro de tu vuelo,
 la heridora presencia, el dardo puro,
 el límite del día, oh tiempo mío,
 que llegado de ti me contamina?
 Busqué en la tarde y tuve tarde sólo,
 busqué en la piedra encenagada y honda
 y tuve piedra sólo,
 busqué en el agua transitoria y leve
 y tuve olvido, espejo sin memoria,
 tiempo y eternidad, el agua sólo.
 ¿Dónde el amor, su llama, dónde, dónde?
 Un hombre va por la espesura. Lleva
 el cadáver de un hombre.
 ¿Quién es el que camina hacia la noche?
 Un ocre, un gris resbalan,
 se reparten el aire,
 cabecea la almena, duerme el río.
 ¿Quién es el que camina hacia la noche?
 Oh corazón herido,
 vacío de color, de forma o tacto,
 que en la secreta escala se aventura,
 ¿Quién es el que camina hacia la noche
 de confín a confín, de río a río,
 de frontera a frontera arrebatado?
 Amor vela su pecho y lo defiende,
 amor enciende su ceniza pura.
 La luz, cima en la cima, se sosiega,
 El Eresma no sabe por qué canta,

⁴ Segundo as Notas da *Poesía completa*, José Ángel Valente leu este poema “en una Fiesta de la Poesía celebrada en el Ateneo de Madrid en la primavera de 1955, acto del que da cuenta la revista *Poesía Española* em su núm. 40 [abril de 1955]” (VALENTE, 2014, 920).

el hombre pierde límite y sentido
en el aire de Dios donde reposa.
(VALENTE, 2016, 784-785).

Além do espaço espiritual que cria – a noite escura –, de evidentes ecos sanjuanistas, no poema de Valente, “El desvelado”, é perceptível a presença de palavras que foram utilizadas no *Cântico espiritual*, de San Juan de la Cruz, “el ciervo”, “herido”, “el agua”. O poema, composto por seis estrofes, possui também figuras retóricas habituais na obra do místico, como perguntas retóricas – “¿Quién es el que camina hacia la noche?” –, comparações – “Como un venado en el temblor del aire, / como un ciervo de nieve y transparencia” – etc. Há um questionamento, quem caminha até a luz? Armando Lopez Castro em seu artigo “La presencia de San Juan de la Cruz”, escreve que a noite é caminho para a luz e purificação total para o amor (LÓPEZ CASTRO, 1990, p.76-77). A noite é silenciosa, o silêncio é a espera da palavra. López Castro também menciona que o ponto de partida para conhecer a Deus é o fato de não o conhecermos, “un no saber sabiendo”.

Cilveti, investigador do fenômeno místico, comentou, conforme citação de Villalba, que de todas as vias da mística a mais importante é a união. Esta união pode nos levar ao encontro dos dogmas da religião (ambos possuem a mesma origem), pois quando o místico “vive” esta união se encontra com Deus como vazio ou como um todo que o abrange, podendo ser mencionadas duas orações, “Eu sou Deus” e “Deus é nada”. Devemos, então, focar tanto na análise das imagens quanto em como se manifestam essas marcantes características em cada texto (CILVETI, A.L., 1984 apud HERNÁNDEZ VILLALBA, 2011, p. 21)

A natureza da mística nos leva a crer que seu campo não pode verificar-se de nenhum modo, nem sequer do ponto de vista da religião, pois não se podem abraçar as concepções do místico que, em muitos casos, podem ser paradoxal (HERNÁNDEZ VILLALBA, 2011, p. 20). Na opinião de C. Nieto, conforme citado por Villalba, nem a piedade, nem a conduta moral e ética podem ser consideradas como uma prova mística porque esta experiência deve ser vivida (NIETO, C., 1982 apud HERNÁNDEZ VILLALBA, 2011, p. 20)

José Ángel Valente é um herdeiro da poesia mística, mas não é um místico, ele usa símbolos eróticos e procedimentos da mística para compor seus versos e transcender a palavra poética.

Seus símbolos, em geral são de uso recorrente, mas específicos. Valente os utiliza para construir uma rede de conceitos simbólicos que representam os estados da alma. Em cada poema, conseguimos verificar o uso de símbolos que esclarecem um sentimento de caráter superior ou interior que será definido pelo contexto em que se insere. Os mesmos símbolos podem ser

utilizados por diversos poetas, mas em cada poema seu significado pode ser diferente (HERNÁNDEZ VILLALBA, 2011, p. 23).

José Ángel Valente nos dá um excelente exemplo da visão amorosa que aparece na união mística no poema “Cerqué, cercaste”. Verificamos que cada verbo é especificamente escolhido e isto é também uma característica da poesia amorosa:

Cerqué, cercaste,
cercamos tu cuerpo, el mío, el tuyo,
como si fueran sólo un solo cuerpo.
Lo cercamos en la noche.
Alzose al alba la voz
del hombre que rezaba.
Tierra ajena y más nuestra, allende, en lo lejano.
Oí la voz.
Bajé sobre tu cuerpo.
Se abrió, almendra.
Bajé a lo alto
de ti, subí a lo hondo.
Oí la voz en el acercamiento
y en la inseparación, en el eje
del día y de la noche,
de ti y de mí.
Quedé, fui tú.
Y tú quedaste
como eres tú, para siempre
encedida.
(VALENTE, 2016, p. 510).

Neste poema, percebemos a presença de símbolos que habitualmente podem aparecer na poesia mística, como a “noche”, a “almendra”, o “día” e os “rezos”. Os “corpos” se aproximam até se tornarem um só. Em relação ao símbolo da noite, em seu artigo “La noche del sentido: Valente-Gelman”, María Ángeles Pérez López afirma que “Es precisamente la noche uno de los símbolos capitales de la obra de Valente, aunque se cubre de diferentes mantos” (PÉREZ LÓPEZ, p. 567). Esta costuma ser empregada como símbolo de sossego, de uma desesperadora escuridão e, por mais que Valente a utilize em inúmeras vezes em seus poemas, “la noche” pode adquirir um novo significado, por exemplo, em “Mandorla”⁵:

Estás oscura en tu concavidad
y en tu secreta sombra contenida,
inscrita en ti.
Acaricié tu sangre.
Me entraste al fondo de tu noche ebrio

⁵ “Mandorla” é um poema do alemão Paul Celan, publicado no livro *Die Niemandrose* em 1963, foi traduzido por Valente e publicado na coleção *La rosa cúbica*. Versão completa da tradução que realizou Valente.

de claridad.
Mandorla.
(VALENTE, 2016, p. 409).

No artigo “Mandorla: la experiencia abisal”, Valente explica que seu livro *Mandorla*, nascido “de una intensa experiencia biográfica”, leva em exórdio os versos do poema “Mandorla” de Paul Celan, que ele traduziu:

En la almendra, ¿qué hay en la almendra?
La Nada.
La Nada está en la almendra.
Allí está, está.
En la Nada, ¿quién está? El Rey.
Allí está el Rey, el Rey.
Allí está, está.
Bucle de judío, no llegarás al gris.
Y tu ojo, ¿dónde está tu ojo?
Tu ojo está frente a la almendra.
Tu ojo frente a la Nada está.
Apoya al Rey.
Así está allí, está.
Bucle de hombre, no llegarás al gris.
Vacía almendra, azul real.
(VALENTE, 2016, p. 409).

No mesmo artigo o autor explica que a geometria sagrada da mandorla é um dos símbolos primordiais da criação, pois, em seu espaço vazio e fecundante, se concentram o visível e o invisível, sendo, portanto, símbolo do sexo feminino.

O livro *Mandorla* de Valente abre-se assim mesmo com um poema do mesmo título:

Estás oscura en tu concavidad
y en tu secreta sombra contenida,
inscrita en ti.
Acaricié tu sangre.
Me entraste al fondo de tu noche ebrio
de claridad.
Mandorla
(VALENTE, 2016, p. 409).

Em sua opinião, neste poema de amor “está plenamente recabada la sacralidad del eros que sustenta muchas vivencias capitales en formas religiosas donde la sexualidad es el punto a partir del cual se organizan y se cruzan las intuiciones místicas y los conocimientos esotéricos”. Na certeza de que o erótico e o sagrado coincidem, pode se ler o poema “Gaal”:

Respiración oscura de la vulva.
En su latir latía el pez del légamo
y yo latía en ti.
Me respiraste
en tu vacío lleno
y yo latía en ti y en ti latían
la vulva, el verbo, el vértigo y el centro.
(VALENTE, 2016, p. 417).

Em “Mandorla: la experiencia abisal”, Valente se apoia em numerosos textos teóricos para refletir sobre o nada – conceito positivo pois concentra todas as possibilidades – e sobre a criação:

Crear no es un acto de poder (poder y creación se niegan); es un acto de aceptación o reconocimiento. Crear lleva el signo de la feminidad. No es un acto de penetración en la materia, sino pasión de ser penetrado por ella. Crear es generar un estado de disponibilidad, en el que la primera cosa creada es el vacío, un espacio vacío. Y en el espacio de la creación no hay nada (para que algo pueda ser en él creado) (VALENTE, 2000).

O autor conclui que a criação do nada é o princípio absoluto de toda criação:

Dijo Dios: —Brote la Nada.
Y alzó la mano derecha
hasta ocultar su mirada.
Y quedó la Nada hecha
(VALENTE, 2000).

Em seu ensaio “Eros y fruición divina”, Valente destaca a superação do rompimento através da união mística:

Lo que constituye al místico es la experiencia extrema de la unión. Más allá de los raptos visionarios, donde la *propagatio fidei* ha solidado fijar la imaginería de los místicos cristianos, la mística se sustancia en la simple y abisal del Maestro Eckhart, advaita de Sankara, estado de no dualidad. (VALENTE, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi tratado brevemente o conceito de mística, embora esta possua inúmeras manifestações, e foi demonstrada a relação entre a experiência mística com a erótica-amorosa, pois os símbolos e metáforas encontrados nos poemas de José Ángel Valente empregam as imagens e os símbolos que caracterizam a união mística entre Criador e criatura para criar uma conotação claramente sexual. A partir da leitura das obras de Valente, foram encontradas evidências de que,

apesar de se apropriar de recursos da poesia mística, ele não é um poeta místico e sim um herdeiro de processos e temas da poesia mística e isso explica o porquê de em suas obras serem encontrados traços da poesia de San Juan de la Cruz: Valente utiliza os recursos retóricos e da mística e assim sua palavra poética tonar-se imensurável.

O livro *Mandorla* revela a união entre o erótico, o místico e o religioso ao ter como símbolo o corpo feminino, como no poema “Graal”, onde a mulher com sua vulva acolhedora é o símbolo do “cáliz sagrado en el que el poeta parece fundirse y confundirse, llenarse y vaciarse, disolverse y entregarse, hasta alcanzar el centro” (RODRÍGUEZ FER, 2018, p. 293-294).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João de Ferreira (de trad.). Cântico dos Cânticos. In: **Bíblia Sagrada**: Almeida revista e corrigida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus. p. 679- 683.

HERNÁNDEZ VILLALBA, Afhit. **Misticismo y poesía**: elementos retóricos que conforman la estética mística. San Luis Potosí (México): El Colegio de San Luis, Revista de El Colegio de San Luis, vol. I, núm. 2, julio-diciembre, 2011, p. 10-34.

CASTRO LÓPEZ, Armando. **La presencia de San Juan de la Cruz en la obra de José Ángel Valente**. Universidad de León. Departamento de Filología Hispánica, núm. 11, 1990, p. 75-94.

PÉREZ LÓPEZ, María Ángeles. “**La noche del sentido: Valente-Gelman**”. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/61908742.pdf> > acesso em 18 de jan. 2018)

RODRÍGUEZ FER, Claudio. **Valente infinito** (*Libertad creativa y conexiones interculturales*). Edição. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicaciones e intercambio Científico, 2018. p. 347. Publicaciones de la cátedra de Poesía y Estética José Ángel Valente. Punto cero 5.

VALENTE, José Ángel. “**Eros y fruición divina**”. Ínsula: revista de letras e ciências humanas , n. 437, 1983 , p. 1

VALENTE, José Ángel. “**Mandorla: la experiencia abisal**”, Letras Libres, 30 de setembro 2000. Disponível em <<https://www.letraslibres.com/mexico/mandorla-la-experiencia-abisal>> acesso em 22 de mar. 2018.

VALENTE, José Ángel. **Poesía completa**. 2. ed. Madrid: Galaxia Gutenberg, 2016.

VALLADARES, Saturnino.: **Retrato de grupo con figura ausente. Edición y análisis de la correspondencia entre José Ángel Valente y los poetas españoles de su edad**, Ourense: Diputación de Ourense, 2017.

Recebido em: 01/11/2018

Aprovado em: 25/11/2018

Publicado em: 10/12/2018